

DA RUPTURA À CONSOLIDAÇÃO: UM ESBOÇO DO PERCURSO LITERÁRIO ANGOLANO DE 1948 A 1975

FROM THE RUPTURE TO THE CONSOLIDATION: A SKETCH OF THE ROAD TAKEN BY THE ANGOLAN LITERATURE FROM 1948 TO 1975

Donizeth Aparecido dos Santos¹

¹ Autor para contato: Faculdade de Telêmaco Borba - FATEB, Telêmaco Borba, PR, Brasil; (43) 3429-1946; e-mail: donizeth.santos@fatebtb.com.br

Recebido para publicação em 15/02/2006

Aceito para publicação em 02/10/2006

RESUMO

Este artigo traz um esboço do percurso literário angolano entre 1948, ano em que surge o Movimento Vamos Descobrir Angola, e 1975, quando acontece a independência política angolana e é criada a União dos Escritores Angolanos (UEA). Esse período da literatura angolana se enquadra na 3ª fase de desenvolvimento da literatura produzida por povos colonizados, descrita por Frantz Fanon (1963) como “fase revolucionária/nacionalista”, na qual há uma ruptura com os padrões estéticos e temáticos da literatura metropolitana. Após o início da ruptura em 1948, começa a surgir em Angola uma literatura alicerçada nos valores culturais africanos e angolanos. Num primeiro momento (década de 50), as inovações aparecem apenas na poesia, estendendo-se à prosa na década seguinte (60), até atingirem sua plenitude na década de 70, após a criação da UEA, quando a literatura angolana é consolidada. Outro fator importante nesse percurso de 27 anos é o papel desempenhado pelos movimentos culturais, agremiações e editoras que, mesmo sob o olhar vigilante do poder colonial, contribuem decisivamente para a formação da literatura angolana.

Palavras-chave: literatura angolana; Movimento Vamos Descobrir Angola; Casa dos Estudantes do Império; União dos Escritores Angolanos; literatura pós-colonial

ABSTRACT

This paper aims to make a sketch of the road taken by the Angolan Literature from 1948 – when the “Let’s Discover Angola Movement” appears - to 1975, when the Angolan Independence is won and the Union of the Angolan Writers (UAW) is founded. This period of the Angolan literature fits the 3rd. phase of the development of the literature produced by colonized people, described by Franz

Fanon (1963) as “the revolutionary/nationalist phase”, in which there is a rupture with the esthetic and thematic standards of the metropolitan literature. Right after this rupture, in 1948, there begins to appear a sort of literature founded on African and Angolan cultural values. At first, in the 1950s, the innovation can be detected in poetry only, extending to prose in the following decade, the 1960s, and then reaching its summit in the 1970s, after the foundation of UAW, when the Angolan literature is consolidated. Another important factor in this 27-year process is the role played by the cultural movements, associations and publishers that, even under the powerful colonialist surveillance, decisively contribute to the formation of the Angolan literature.

Key words: angolan literature; Let’s Discover Angola Movement; Students’ House of the Empire; Union of the Angola Writers; pos-colonial literature

Introdução

De acordo com Thomas Bonnici (2000, p.13), a emergência e o desenvolvimento de literaturas de povos colonizados dependem de dois fatores: “das etapas de conscientização nacional e da asserção de serem diferentes.” Na primeira etapa, a literatura produzida na colônia é escrita pelos próprios colonizadores, na segunda, é escrita pelos nativos mas apresenta uma total dependência em relação ao modelo literário do país colonizador, e na terceira, há a ruptura com o modelo literário e com a dependência cultural do país colonizador. Bonnici, utilizando-se de exemplos das literaturas africanas de língua inglesa, descreve minuciosamente essas três fases de desenvolvimento das literaturas pós-coloniais:

A primeira etapa envolve textos literários produzidos por representantes do poder colonizador (viajantes, administradores, soldados e esposas de administradores coloniais). Tais textos e reportagens, com detalhes sobre costumes, fauna, flora e língua, dão ênfase à metrópole em detrimento da colônia; privilegiam o centro em detrimento da periferia. /.../

A segunda etapa envolve textos literários escritos sob supervisão imperial por nativos que receberam sua educação na metrópole e que se sentiam gratificados em poder escrever na língua do europeu (não há consciência de ela ser também do colonizador). /.../Embora muitos dos temas (cul-

tura mais antiga do que a europeia, a brutalidade do sistema colonial, a riqueza de seus costumes, leis, cantos e provérbios) abordados por esses autores estivessem carregados de subversão, sem dúvida não podiam e não queriam perceber essa potencialidade. /.../

A terceira etapa envolve uma gama de textos, a partir de certo grau de diferenciação, até uma total ruptura com os padrões emanados da metrópole. Evidentemente, essas literaturas dependiam da ab-rogação do poder restritivo e da apropriação da linguagem/escrita para fins diferentes daqueles para os quais outrora foram usados. (2000, p.13-14)

A literatura angolana escrita em língua portuguesa, sendo um produto derivado “das seqüelas do colonialismo” (Laranjeira 1985, p.10) europeu, não foge a essa regra. A sua primeira etapa de desenvolvimento engloba tudo o que foi produzido em Angola e sobre Angola no período anterior a 1849¹, a segunda envolve os textos produzidos a partir da publicação de *Espontaneidades da minha alma*, de José da Silva Maia Ferreira, em 1849, indo até a véspera da criação do Movimento Vamos Descobrir Angola em 1948, e a terceira começa com a eclosão desse movimento cultural que fará surgir em Angola uma literatura de natureza africana, livre da dependência da metrópole. A partir desse movimento, segundo Pires Laranjeira (Ibid., p.12) “a fase da bofetada no gosto do público de língua portuguesa”, que vai até a independência política

¹ A maioria dos críticos consideram a obra *Espontaneidades da minha alma*, de José da Silva Maia Ferreira, como o marco inicial da literatura angolana, ignorando a produção anterior à sua publicação. Pires Laranjeira (1995), por exemplo, considera essa produção antecedente como escassos fragmentos de uma atividade literária de pouca importância, isolados num período de mais de três séculos.

em 1975, quando é fundada a União dos Escritores Angolanos (UEA).

Essa terceira etapa de desenvolvimento de literaturas pós-coloniais descrita por Bonnici, coincide com a terceira fase do processo de conscientização do intelectual nativo concebido por Frantz Fanon (1963) como a “fase de luta”, na qual “o intelectual nativo, após ter entranhado com o povo e no povo, começa a inflamar o povo... torna-se o despertador do povo” (Fanon apud Bonnic, Op. cit., p. 27)

O Movimento Vamos Descobrir Angola: a ruptura

Em 1948, quando jovens estudantes angolanos, conscientizados de que pouco ou nada sabiam sobre a sua terra, lançaram o grito “Vamos descobrir Angola”, começou a mais importante fase da literatura angolana. Foi o rito de passagem para a angolanidade: o estágio inicial de uma literatura moderna que começava a reivindicar a sua maioria. Foi o momento de ruptura com os padrões estéticos que haviam moldado um século do fazer literário em Angola, em favor de um caminho delineado pela africanidade e angolanidade, que seriam suportes da reivindicação de uma nação livre do domínio colonial. Foi o início da fase crucial pela qual passam as literaturas de povos colonizados de que Fanon (Op. cit.) nos fala, de que somente a partir dela é possível falar de uma literatura verdadeiramente nacional. Foi o momento em que a palavra literária transformou-se em arma de combate.

Segundo Carlos Ervedosa (1979), angolanos negros, brancos e mestiços iniciaram em 1948, em Luanda, o movimento cultural Vamos Descobrir Angola, tendo em mente o estudo da terra em que nasceram e que tanto amavam, e que, no entanto, mal conheciam. Esses rapazes, totalmente assimilados à cultura européia, eram ex-alunos do liceu Salvador Correia, que por um motivo ou por outro não puderam ir à metrópole em busca de uma formação universitária. Eles haviam estudado toda a cultura portuguesa e sabiam tudo sobre o país colonizador: a geografia, o clima, a fauna, a flora, a literatura e as tradições culturais; ao mesmo tempo em que desconheciam Angola quase

completamente. Pouco sabiam sobre os afluentes do Kuanza (o principal rio angolano) e as diversas etnias angolanas e suas tradições, e nada sobre a rainha Nzinga ou o rei Ngola.

Albert Memmi (1989, p.95), ao comentar essa prática colonialista de educar o colonizado na cultura do colonizador, afirma que a criança “que tem a oportunidade de ser acolhida em uma escola, não será por ela nacionalmente salva: a memória que lhe formam não é a de seu povo. A história que lhe contam não é a sua”, ressaltando que a maior parte das crianças colonizadas está na rua. Salvato Trigo, fazendo eco a Memmi, acrescenta que a escola foi uma instituição de grande utilidade para o regime colonial:

Na escola, procurava-se dominar espiritualmente os colonizados pelo apagamento dos seus valores culturais e civilizacionais, pelo banimento da sua língua, pela niilificação da sua história. Impunha-se outros valores estranhos à África, exigindo-se numa forma absoluta, a obediência à cultura e à civilização européias que a escola colonial defendia e divulgava. (198-, p.148)

O escritor angolano Jofre Rocha (1997, p.221) observa que nesse período em Angola a política de assimilação cultural do poder colonial “visava acima de tudo domesticar e despersonalizar o homem angolano, procurando levá-lo a renegar os seus valores, as suas crenças, a sua fé, menosprezando o seu próprio universo cultural”. Esse procedimento do governo português vai de encontro à observação de Frantz Fanon sobre a violência do colonialismo em relação às tradições culturais do colonizado: “O colonialismo não se contenta apenas em manter um povo em suas garras e em esvaziar o cérebro do nativo de qualquer forma e conteúdo. Por uma espécie de lógica perversa, ele se volta para o passado do povo, e o distorce, o desfigura e o destrói” (Fanon, op. cit., p.192).

Para superar essa ignorância em relação ao meio em que viviam, os integrantes do Movimento Vamos Descobrir Angola propunham uma redescoberta dos valores culturais angolanos sufocados pela assimilação cultural. O ensaísta Mário de Andrade, um dos principais intelectuais angolanos do período e também da história da literatura angolana, comenta a formulação teórica e estética do movimento feita pelo seu líder, o

poeta Viriato da Cruz:

“O movimento”, escreveu ele mais tarde, “deveria retomar, mas sobretudo com outros métodos, o espírito combativo dos escritores dos fins do século XIX e dos princípios do actual. Esse movimento combatia o respeito exagerado pelos valores culturais do Ocidente (muitos dos quais caducos); incitava os jovens a redescobrir Angola em todos os seus aspectos através dum trabalho colectivo organizado; exortava a produzir-se para o povo; solicitava-se o estudo das modernas correntes culturais estrangeiras, mas com o fim de repensar e nacionalizar as suas criações positivas e válidas, exigia a expressão dos interesses populares e da autêntica natureza africana, mas sem que se fizesse nenhuma concessão à sede de exotismo colonialista. Tudo deveria basear-se no censo estético, na inteligência, na vontade e na razão africanas”.(Andrade, 1975, p.6)

Propondo olhar para Angola de modo a conhecê-la por inteiro, e aproveitando-se as boas contribuições deixadas por Cordeiro da Matta, Alfredo Troni e os jornalistas-escritores do início do século XX, o movimento não descartava o conhecimento das correntes culturais estrangeiras em voga e propunha utilizá-las como um meio de rever e nacionalizar suas produções alicerçadas nas tradições culturais angolanas e voltadas ao povo angolano, num processo que entre outras coisas consistia na “deseuropeização da palavra europeia”, conforme afirmação de Costa Andrade (1980, p.34); processo este muito parecido com o antropofagismo proposto pelo brasileiro Oswald de Andrade. Sobre essa possível influência, Carlos Ervedosa (Op. cit., p.105) afirma que esses jovens intelectuais que lançavam suas vozes num grito coletivo, “sabiam muito bem o que fora o movimento modernista brasileiro de 22. Até eles havia chegado, nítido, o *grito do Ipiranga* das artes e letras brasileiras”. Salvato Trigo também observa a influência do Modernismo brasileiro sobre o movimento literário angolano:

Terá sido o modernismo brasileiro um dos movimentos literários estrangeiros que mais incentivo prestou a esses jovens, sequiosos de produzirem uma literatura capaz de traduzir correctamente

as ansiedades, as inquietudes, os problemas graves com que a sua terra se debatia. (1977, p.151)

A partir do Movimento Vamos Descobrir Angola, segundo Ervedosa (Op. cit.), começava a germinar uma literatura que seria a expressão dos sentimentos e o veículo das aspirações angolanas. Em 1950, esse movimento transformou-se no Movimento dos Novos Intelectuais de Angola (MNIA), adquirindo um carácter quase exclusivamente literário:

O Movimento dos Novos Intelectuais de Angola foi essencialmente um movimento de poetas, virados para o seu povo e utilizando nas produções uma simbologia que a própria terra exuberantemente oferece. O vermelho revolucionário das papoilas dos trigais europeus, encontraram-no, os poetas angolanos nas pétalas de fogo das acácias, e a cantada singeleza das violetas, na humildade dos “beijos-de-mulata” que crescem pelos baldios ao acaso. Os seus poemas trazem o aroma variado e estonteante da selva, o colorido dos potentes africanos, o sabor agridoce dos seus frutos e a musicalidade nostálgica da marimba. Mas vêm também palpitantes de vida, com o cheiro verdadeiro dos homens que trabalham, o gosto salgado das suas lágrimas de desespero e a certeza inabalável na madrugada que sempre raia para anunciar o novo dia.

Assim, os novos poetas foram cantando, com voz própria, a terra angolana e as suas gentes. (Ervedosa, op. cit., p.107)

Essa definição do Movimento dos Novos Intelectuais de Angola e a formulação teórica do seu antecessor Vamos Descobrir Angola feita por Viriato da Cruz vão de encontro aos indícios apontados por Fanon para a reestruturação da cultura nacional:

a) o escritor ou intelectual tem necessidade de ver e compreender claramente o povo (o objeto de sua poética), através de um processo de autoimersão cultural; b) a ação da luta maior da libertação nacional, o que implica que cultura nacional deve estar a serviço da libertação nacional; c) o escritor ou intelectual nacionalista deve se preocupar com o passado a fim de que se abra o futuro, que é um convite à ação e a base para a esperança. (Fanon apud Bonnic, op. cit., p.29)

A Casa dos Estudantes do Império (CEI): a ruptura continua

Paralelamente ao Movimento Vamos Descobrir Angola, os estudantes que tiveram a possibilidade de concluir seus estudos na metrópole após o término do liceu em Luanda, ao chegarem lá, entraram em contato com as idéias libertárias e as modernas correntes literárias em voga na Europa, como o Renascimento Negro norte-americano e a Negritude francófona, ambos de ideologia pan-africanista, e também com o Neorealismo português e o Modernismo brasileiro. Essas descobertas intelectuais seriam as principais responsáveis pela mudança de direção e postura político-cultural que eles sofreriam.

A partir de então, também sofreram um processo de conscientização e começaram a descobrir suas origens africanas, percebendo a opressão que recaía sobre eles, sobretudo em seus irmãos de raça nas colônias. Pires Laranjeira comenta essa descoberta de identidade e da realidade africana pelos africanos cultos:

Os africanos que conseguem estudar e atingir um certo nível de consciência social, mesmo beneficiando de algumas benesses da cidade de betão, tem tendência a sentir-se identificados com a massa da população que vegeta e sobrevive por entre inúmeras dificuldades. A raça, o grupo étnico, cor da pele, funcionam como um sinal de alarme do que eles, nas mesmas condições poderiam ter sofrido na carne. Ao descobrirem que ignoram quase tudo sobre a cultura e os costumes dos seus semelhantes, sentir-se-ão como autênticos estrangeiros na sua terra e verdadeiros intrusos nas metrópoles europeias, onde vestem a pele dos seus patrícios das colônias. Escrevendo por catarse e revolta, irão descobrir a África profunda, que é como quem diz, a raça e a etnia como factores de cultura, identidade e afirmação. O tema étnico, nesse renascimento representa para os africanos a busca mirífica de consistência das raízes, da origem, de um específico tronco da árvore da vida. (1995a, p.414)

Após a descoberta das origens, os estudantes angolanos juntamente com estudantes oriundos de outras colônias portuguesas assumiram a direção da Casa dos Estudantes do Império (CEI), órgão de apoio aos

estudantes ultramarinos fundado em 1945 em Lisboa, abrindo posteriormente uma delegação também em Coimbra, e que até então, segundo o escritor angolano Jofre Rocha (Op. cit., p.222), seguia uma orientação de total subordinação aos interesses do governo fascista português. A partir do controle dessa agremiação, transformam-na numa base de atividades culturais com alto teor anti-colonial.

Esse despertar coletivo da consciência angolana, que atingiu simultaneamente a colônia e a metrópole em razão do constante intercâmbio de informações que o Movimento Vamos Descobrir Angola mantinha com a Casa dos Estudantes do Império (CEI), foi uma conseqüência direta dos ventos favoráveis às reivindicações de liberdade, gerados pelo término da Segunda Guerra Mundial com a derrota dos regimes autoritários, que criaram condições para o início do processo de descolonização das colônias europeias na África e na Ásia. David Mestre e Amável Fernandes confirmam algumas das nossas palavras:

Esta ruptura, um verdadeiro corte histórico-literário, e também um epifenômeno da influência marxista após a Segunda Guerra Mundial e, no plano literário, uma conseqüência da divulgação da estética neo-realista, entroncada na corrente americana da “Black Consciousness” que vem de Melville a Langston Hughes, a Aimé Césaire e a outros.(1982, p.9)

Desse modo, segundo Ervedosa (Op. cit., p.105), assistiu-se entre o final dos anos 40 e o início dos anos 50 ao desenvolvimento de um fenômeno literário original no âmbito das literaturas africanas de expressão portuguesa, levado a cabo por jovens intelectuais angolanos espalhados por Luanda, Coimbra e Lisboa. Os principais nomes dessa geração, que ficou conhecida como a “geração de Mensagem”, foram Viriato da Cruz, António Jacinto, António Cardoso, Agostinho Neto e Mário Pinto de Andrade.

A década de 50

O MNIA e a CEI foram responsáveis pelas principais publicações poéticas na década de 50. De acor-

do com Jofre Rocha (Op. cit.), a atividade editorial da CEI “desempenhou papel de primordial importância na divulgação dos autores angolanos silenciados pela barreira da censura e contribuiu de forma decisiva para chamar a atenção do mundo para os dramas que Angola vivia”. Em 1948 a CEI de Lisboa publicou o boletim literário *Mensagem*, enquanto que a de Coimbra publicou o similar *Meridiano*. Dois anos depois (1950), O MNIA publicou a *Antologia dos novos poetas de Angola*, um modesto caderno artesanal contendo poemas de António Jacinto, Viriato da Cruz e Maurício de Almeida Gomes. E no ano seguinte, através do Departamento Cultural da Associação dos Naturais de Angola (ANANGOLA), o movimento publicou a revista *Mensagem – A Voz dos Naturais de Angola*, cujo projeto vasto e ambicioso, era, a urgência de

criar e levar a Cultura de Angola além fronteiras, na voz altissonante dos nossos poetas e escritores; na paleta e no cinzel seguro dos nossos artistas plásticos; ao som dos acordes triunfais da nossa música que os nossos músicos e compositores irão buscar aos férteis motivos que a nossa Terra, grande e maravilhosa, lhes oferece. (Ferreira, 1987a, p. 8)

De acordo com Manuel Ferreira (1987b), essa revista foi a porta-voz do MNIA, traduzindo-o em todas as esferas culturais, e apesar de não ter cumprido todos os seus objetivos em razão de sua efêmera existência abriu caminhos novos, principalmente ao conto e à poesia, sendo que em suas páginas se definem algumas das linhas mais importantes da nova poesia angolana.

Mas como era de se esperar, as autoridades coloniais não permitiram que a revista de conteúdo anti-colonial ultrapassasse a segunda edição, decretando também o fim do movimento (MNIA) que a concebeu. No entanto, a sua missão estava cumprida: a poesia de Angola estava criada. No dizer de Mário de Andrade (Op. cit., p.7) “a geração da *Mensagem* entou, com efeito, o novo canto da *angolanidade*”, e através, sobretudo, dos poemas de Viriato da Cruz, António Jacinto e Agostinho Neto nasceu a literatura angolana moderna. Segundo Ervedosa (OP. cit., p.125), muitos dos poemas publicados em *Mensagem*

circularam clandestinamente durante anos pelas mãos dos jovens angolanos, que os copiavam e declamavam nas suas reuniões privadas.

No ano seguinte à proibição de *Mensagem*, o angolano Mário de Andrade e o santomense Francisco José Tenreiro publicaram em Lisboa o caderno poesias de poetas de Angola, Cabo Verde, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Guiné-Bissau. Segundo informação de Pires Laranjeira (1985, p.33), nos anos de 54 e 55, o *Jornal de Angola* publicou poemas de Viriato da Cruz, Alda Lara e Aires de Almeida Santos, e em 1956 foi publicado *Poesias*, de Mário António. Também em 1956 foi criado o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) ao qual, de imediato aderiram os intelectuais do país, muitos dos quais haviam pertencido à extinta revista *Mensagem*.

A partir de 1957, o jornal *Cultura*, órgão da Sociedade Cultural de Angola, volta a circular com uma diretriz editorial muito próxima à da *Mensagem*, caracterizando-se como o herdeiro do legado deixado por ela. O *Jornal Cultura* em sua segunda fase, denominado de *Cultura II*, circulou de 1957 a 1960, totalizando doze números editados, nos quais foram publicados textos de autores já conhecidos como Agostinho Neto, Antero de Abreu, Óscar Ribas, Mário António, António Cardoso e António Jacinto; e também de autores que a partir daquele periódico entrariam para a história da literatura angolana. Carlos Ervedosa (Op. cit., p.128) informa que através dele foram revelados os poetas Arnaldo Santos (também contista), Costa Andrade, João Abel, Manuel Lima, Henrique Guerra, Ernesto Lara Filho; os contistas José Luandino Vieira, Mário Guerra, Hélder Neto; o etnólogo Henrique Abranches e o ensaísta Adolfo Maria; além é claro do próprio Carlos Ervedosa, que sobre essa nova geração angolana afirma:

Desmembrada e extinta a *Mensagem*, com as suas principais figuras engajadas na luta política, aberta ou clandestina, uma nova camada juvenil surge a preencher os lugares deixados vagos, prosseguindo, especialmente na Sociedade Cultural de Angola, na Associação dos Naturais de Angola e na Casa dos Estudantes do Império, a tarefa de consciencialização e unidade nacional através da cultura. (Ibid., p.126)

Pires Laranjeira faz uma observação sobre a importância do compromisso cultural de *Cultura II*:

apresentava-se como um jornal cultural voltado para a angolidade, entendida num sentido mais amplo do que a da Mensagem, na medida em que, de facto, mostrava abertura aos vários quadrantes da sociedade angolana empenhados na desalienação, na instrução e na produção de uma cultura viva, baseada na tradição africana, sem descurar os contributos internacionais, como se vê pelas variadas colaborações. (1995b, p.104)

O autor também afirma que o Neo-realismo e Negritude foram as duas principais tendências estéticas e ideológicas que nortearam as produções literárias publicadas pelo periódico, ao mesmo tempo em que seus colaboradores recusavam os valores do lusotropicalismo, e observa ainda que por baixo do projeto visível da revista, que era propiciar meios para a expressão literária e crítica da sociedade angolana, escondia-se um programa subterrâneo de cariz revolucionário, baseado na análise econômica e social. Abaixo um fragmento de um editorial da revista citado pelo autor:

Múltiplos e complexos são os problemas culturais em Angola. Problemas que, tendo como base questões econômicas e sociais, se ligam aos mais variados problemas da vida e dela são resultantes. Pode dizer-se que, enquanto estes problemas não foram resolvidos, toda a acção cultural há-de pecar por defeito. (apud., *ibid.*, p.105).

Durante sua existência, o periódico manteve uma estreita sintonia com as atividades da CEI de Lisboa e Coimbra, inclusive, muitos de seus colaboradores pertenciam a essa entidade.

Em 1959, a Sociedade Cultural de Angola realizava em Luanda o primeiro colóquio sobre poesia africana, no qual entre as muitas questões discutidas, Mário António, em uma palestra, apresentou a primeira tentativa de classificação da poesia feita em Angola. Também em 1959 Carlos Ervedosa publicava *Poetas angolanos*. Mas, ao fim e ao cabo, conforme observação de Ervedosa, que os movimentos literários surgidos em Angola até o final da década de 50, em torno de *Mensagem* e *Cultura II*, não conseguiram ultrapassar o seu meio intelectual e ganhar a projeção que

teriam mais tarde, devido à falta de uma editora que publicasse seus livros e ao descaso dos grandes meios de informação. Segundo ele, essa situação só mudaria a partir de 1958, quando a CEI inicia a *Colecção autores ultramarinos*.

A década de 60

Antes de abordarmos a literatura dos anos 60, é necessário falarmos da segunda fase da obra de Castro Soromenho. Ao mesmo tempo em que o MNIA e os estudantes da CEI renovavam a poesia angolana, na prosa um importante passo era dado isoladamente por Castro Soromenho. Em 1949 ele publicou *Terra morta* e iniciou uma nova fase em sua obra, elaborando uma literatura de caráter anti-colonial (amparada na corrente literária neo-realista), que acenava novos caminhos para a prosa angolana. Na esteira de *Terra morta*, vieram depois *Viragem* (1957) e *A chaga*, publicado postumamente em 1970, formando a sua célebre trilogia em que “revela a sua consciencialização política no seu tratamento das relações entre colonizados e colonizadores” (Hamilton, 1981, p.61).

A transição da década de 50 para a de 60 foi um período agitado em Angola, com muitas movimentações políticas em consequência da criação do MPLA em 1956. Muitos escritores pertencentes ao movimento foram presos, acusados de atividades subversivas pelo poder colonial, e assim os anos 60 começaram em Angola com o assalto às prisões de Luanda em 4 de fevereiro de 1961, levado a cabo pelo MPLA, na tentativa de libertar dirigentes que ali cumpriam pena. O plano fracassou mas este fato ficou como o marco inicial da guerra de libertação nacional. Em contrapartida, o poder colonial revidou violentamente, tornando cada vez mais tensas a relação colonizador X colonizado.

No entanto, apesar das dificuldades causadas pelos problemas políticos, o início dos anos 60 também foi caracterizado pelo aumento de publicações de autores angolanos. Nesse período foram publicadas pela *Colecção autores ultramarinos* da CEI obras de Mário António, Arnaldo Santos, Viriato da Cruz, António Cardoso, Costa Andrade, Manuel Lima, Agostinho Neto, António Jacinto e Alexandre Daskálos,

e ainda a *Antologia africana de expressão portuguesa* de Mário de Andrade (publicada em Argel), a antologia *Poetas angolanos* de Alfredo Margarido, *100 Poemas* de Mário António e *Picada de marimondo* de Ernesto Lara Filho, enquanto que em Angola, após a interrupção da publicação de *Cultura II*, surgia na pequena cidade de Sá da Bandeira (atual Lubango) as Edições Imbondeiro, que teriam um papel de destaque no meio editorial angolano.

As Edições Imbondeiro publicaram as *Notícias de Imbondeiro* e *Colecção Imbondeiro, Contos d' África* (1961), *Novos contos d' África* (1962), as antologias *Makua*, nº 1 (1962), nº 2 e 3 (1963), nº 4 (1963) e nº 5-6 (1964), *Antologia poética angolana* (1963), e *Imbondeiro gigante*, e ainda organizaram o I Encontro de Escritores de Angola realizado na cidade de Sá da Bandeira, de 19 a 27 de janeiro de 1963, que só não foi um grande sucesso, tanto na opinião de Carlos Ervedosa quanto de Pires Laranjeira, devido ao início da guerra colonial, que havia levado escritores angolanos para a guerrilha, a prisão ou ao exílio.

Passaram pelas páginas das publicações da Imbondeiro nomes importantes da literatura angolana como Mário António, Agostinho Neto, Aires de Almeida Santos, Alda Lara, Alexandre Dáskalos, Álvaro Reis, Antero Abreu, António Cardoso, António Neto, Arnaldo Santos e Alfredo Margarido. E mesmo tendo o espaço de manobra que lhe permitia publicar textos das mais diversas correntes literárias existentes em Angola², as Edições Imbondeiro não fugiram ao destino comum dos movimentos e periódicos anteriores, e assim, em 1965, a PIDE decretava o encerramento de suas atividades.

Outro elemento importante no contexto histórico da literatura angolana foi o prêmio literário Maria José Abrantes da Motta, atribuído anualmente em Luanda. Carlos Ervedosa (Op. cit., p.135) ressalta a importância que ele teve no cenário cultural dos anos 60, premiando autores como Mário António, José Luandino Vieira, Arnaldo Santos, Candido Velha, Geraldo Bessa Victor, João-Maria Vilanova, Rui Duarte de Carvalho e o próprio Carlos Ervedosa.

A partir da radicalização do confronto armado entre a metrópole e a colônia, a maioria dos escritores

engajados que conseguiram evitar a prisão fugiram e aderiram à guerrilha, e desse ponto em diante, “a literatura reivindicativa dos anos 50 dava lugar à literatura de *maquis*” (Ervedosa, Ibid., p.138), pois com o acirramento da guerra colonial, inclusive com entrada de outras forças, como a UPA (futura FNLA) e a UNITA, ocorreu o endurecimento do poder colonial, que através da sua polícia política (PIDE) encerrou as atividades das agremiações culturais, prendendo e ameaçando seus principais dirigentes. Desse modo, segundo Ervedosa (Ibid., p.137), foram fechados em Luanda a Sociedade Cultural de Angola, o Cine Clube de Luanda e a Associação dos Naturais de Angola, enquanto que em Portugal, a CEI e a Sociedade Portuguesa de Escritores também tiveram suas atividades encerradas.

A partir dos anos 60, a literatura angolana entrou definitivamente na terceira fase de desenvolvimento de uma literatura colonizada descrita por Fanon: a fase de luta ou revolucionária e nacionalista:

No decorrer dessa fase, um grande número de homens e mulheres que antes não haviam pensado jamais em escrever uma obra literária, agora que se encontram em situações excepcionais, na prisão, na guerrilha ou na véspera de serem executados, sentem a necessidade de expressar a sua nação, de compor a frase que expresse ao povo, de converter-se em porta-vozes de uma nova realidade em ação.

O intelectual colonizado se dará conta mais cedo ou mais tarde, de que não se prova a nação com a cultura, senão com a que se manifesta na luta que o povo realiza contra as forças de ocupação. (Fanon, Op. cit., p. 203-4)

Desse modo, muitos escritores angolanos imbuídos de um espírito nacionalista e revolucionário foram produzindo suas obras nas celas das prisões coloniais, nos intervalos da guerrilha e no exílio, onde buscavam chamar a atenção para o drama angolano e apoio para a luta anti-colonial.

A década de 60 também foi o período do desenvolvimento da prosa em Angola. O conto revestido de africanidade adquiriu contornos verdadeiramente angolanos pelas mãos de Arnaldo Santos, Mário Guerra

² Segundo Pires Laranjeira (1995b), as Edições Imbondeiro, adotando uma tática editorial que punha lado a lado escritores reacionários (simpatizantes do regime colonial) e escritores nacionalistas angolanos, conseguiram dar voz a muitos desses escritores silenciados.

(Benúdia), Henrique Abranches e José Luandino Vieira, enquanto que o romance, através desse último, ressurgiu revitalizado, dando sinais da independência do gênero em relação ao modelo metropolitano. Nesse período, as conquistas da poesia da década passada chegaram até a prosa.

Também foi nos anos 60 que José Luandino Vieira escreveu sua obra, cuja maior parte só seria publicada na década seguinte. De acordo com Pires Laranjeira (1995b, p.120), apenas os livros de contos *A Cidade e a infância* (1960), *Dois histórias de pequenos burgueses* (1961) e *Luuanda* (1964) foram publicados nesse período. *A vida verdadeira de Domingos Xavier; Nós, os do Makulussu, Macanduva; João Vêncio: os seus amores, e Dona Antónia de Sousa Neto & Eu*, só foram publicados posteriormente.

José Luandino Vieira, conforme afirmamos anteriormente, foi o responsável pelo ressurgimento do romance angolano, gênero antes limitado à produção isolada de Castro Soromenho. Segundo Rita Chaves (1999, p.162), “é precisamente com a obra de Luandino que o romance alcança sua consolidação. Com ele, pode-se considerar que o gênero está formado”. Outro escritor a enveredar pelo romance na década de 60 foi o poeta Manuel dos Santos Lima, que teve o seu romance *As sementes da liberdade* publicado no Brasil em 1965.

No mesmo período, Mário António, dedicando-se a prosa, publicou *Crônica da cidade estranha* (1964) e *Terra no fim de semana* (1965), estabelecendo-se, na opinião de Hamilton (Op. cit., p.134), “como um cronista da burguesia mestiça de Luanda, retratando personagens que andam às cegas à procura de um sentido por detrás da sua existência ambígua”, deixando transparecer na maioria de seus contos uma preocupação com os níveis psicológicos do mestiço, dependentes da sua acomodação ao seu estado social sob o regime colonialista. Comentando a situação desconfortável a que a obra de Mário António foi lançada naquele período, relegada às margens da verdadeira literatura angolana, observa que o escritor, “em parte por causa das circunstâncias e das suas opções, produziu obras de ficção contemplativas que artística e historicamente são relevantes de toda uma problemática contida na realidade objectiva da Angola colo-

nial” (Hamilton, *ibid.*, p.136).

Russell Hamilton também destaca na década de 60 o nome de Domingos Van-Dúnem, descendente de uma tradicional família angolana e um anti-colonialista convicto nesse período, que devido às suas posições firmes acabou sendo preso pelo regime colonial. Van-Dúnem escreveu em 1957 *Uma história singular*, um conto que apesar de ser publicado somente nos anos 70 não ficou desconhecido na época de sua concepção, devido ao autor distribuir cópias datilografadas aos amigos e interessados. Hamilton destaca Van-Dúnem, principalmente, pelo resgate da tradição crioulo-quimbundo que o escritor efetua através desse conto.

Na mesma época em que Russell Hamilton observa esse ressurgimento crioulo-quimbundo, Carlos Ervedosa (Op. cit.) identifica um outro ressurgimento: o da literatura exótica, o que no conturbado contexto angolano, agravado pela sangrenta guerra pela independência, pode ser interpretado como uma ofensiva colonial frente à literatura anti-colonial tida como uma das armas de combate do MPLA, cujos quadros de comando, em sua maioria eram ocupados por intelectuais. Essa investida cultural metropolitana permitia, de acordo com Hamilton (Op. cit.), certas expressões culturais africanas, visando com este procedimento enfraquecer um dos mais importantes meios de resistência que era a reivindicação cultural.

A década de 70

A pequena abertura no plano cultural, iniciada a partir da morte do ditador António Salazar em 1968 (mas o regime fascista teve continuação com Marcelo Caetano), fez com que a década de 70 se iniciasse com certo grau de liberdade. Muitos dos escritores que tinham sido condenados a longos anos de prisão deixaram o cárcere nesse início de década e Angola passou a condição de estado português. Desse modo, nesses poucos anos que antecederam a independência, houve um reavivamento da atividade literária em Angola. Uma das molas propulsoras desse ressurgimento literário foi a criação em 1971, do suplemento literário *Artes e Letras*, do jornal *A Província de*

Angola, dirigido por Carlos Ervedosa.

Pires Laranjeira (1995b, p.134) lembra que nas páginas culturais de *A Província de Angola*, no suplemento literário do *Diário de Luanda* e na revista *Prisma*, procurava-se exercer uma crítica alusiva à genuína literatura angolana e punia-se tudo quanto era literatura de fraca qualidade, colonialista ou oportunista, procurando apontar ao leitor a autêntica leitura. Também nesse período, segundo Carlos Ervedosa (Op. cit., p.150), um concurso literário promovido por uma cervejaria premiou as obras *Bom dia*, de João Abel, *Crônica do gheto*, de David Mestre, e *Auto de natal*, de Domingos Van-Dúnem, enquanto que em Lobito iniciava-se a edição dos *Cadernos Capricórnios*, que dariam oportunidade aos novos escritores angolanos de publicarem seus escritos, e Russell Hamilton (Op. cit., p.150) acrescenta a essa lista as revistas de artes e letras *Convivium* (1970-71), *Vector* (1971-72) e *Noite e Dia* (1970). Esta última, uma revista comercial direcionada à pequena sociedade de consumo, contava com Domingos Van-Dúnem entre os seus colaboradores, com a coluna *Folclore e Tradição*.

Dentre as obras literárias relevantes surgidas na primeira metade da década de 70, a poesia continuou sendo o principal gênero cultivado enquanto que a crítica literária começou a nascer no território angolano, através das obras de David Mestre, *Crítica literária em Angola: resenha histórica e situação actual* (1971) e de Carlos Ervedosa, *Itinerário da literatura angolana* (1972). Nesse curto período as principais obras publicadas foram: *As mulheres* (1970), *Pai Ramos* (1971) e *Irmã humanidade* (1973), de Jorge Macedo; *Auto de natal* (1972), de Domingos Van-Dúnem; *A Última narrativa de Vavó Kiala* (1973) e *Resignação* (1974), de Aristides Van-Dúnem; *Mestre Tamoda* (1974), de Uanhenga Xitu; *Vinte canções para Ximinha* (1971), de João-Maria Vilanova; *Chão de Oferta* (1972), de Ruy Duarte de Carvalho; *Tempo de ciclo* (1973), de Jofre Rocha; *Crônica do gheto* (1973), de David Mestre; *A onda* (1973) e *Regresso adiado* (1973), de Manuel Rui; *Bom Dia* (1971) e *Nome de mulher* (1973), de João Abel; *A vida verdadeira de Domingos Xavier* (1974), *Velhas histórias* (1974), *No antigamente, na vida* (1974) e *Nós, os do*

Makulussu (1975), de José Luandino Vieira; e a série poética *Kuzuela* (1973), de David Mestre e Lusiário António Chifuchi, teve três números editados, nos quais publicaram-se poemas de escritores angolanos, portugueses, moçambicanos e euro-africanos.

Mas, apesar do grande número de publicações do período, segundo Hamilton (Op. Cit., p.154), amparando-se nas palavras de Jofre Rocha, esses primeiros anos da década de 70 eram um horror de silêncio. Essa opinião é compartilhada por Pires Laranjeira ao interpretar *Tempo de ciclo* como tempo de sussurrar, ou seja, o único meio de se comunicar num ambiente repressivo. No entanto, a Revolução dos Cravos, em abril de 1974, ecoou em Angola trazendo promissoras ares de liberdade, provocando a quebra do silêncio imposto pelo antigo regime, o que ocasionou “uma onda de reedições de poemas e contos, e no *Artes e Letras* de *A Província de Angola*, apareceram artigos celebrando, escritores, reinterpretando o passado e prognosticando o futuro das colônias rumo à sua independência” (Hamilton, *ibid.*, p.157). O crítico também observa que em dezembro de 1974 foi editado um único número de *Ngoma: Revista Angolense de Literatura*, que apesar de sua efemeridade teve um papel relevante no desenvolvimento da literatura angolana, Colaboram nesse número João-Maria Vilanova, Jorge Macedo, Aristides Van-Dúnem, Arnaldo Santos, Domingos Van-Dúnem, José Luandino Vieira e Jofre Rocha.

Às vésperas da independência política, em setembro de 1975, sob a organização do poeta António Cardoso, estreava no *Diário de Luanda* um novo suplemento cultural denominado *Resistência*. Desse modo, sendo o poeta um ex-presos político e membro do MPLA, estavam os intelectuais do movimento revolucionário, na visão de Hamilton (*Ibid.*), a apoderarem-se definitivamente dos meios de produção e propagação cultural. Nessa página literária foram publicados poemas, contos e ensaios de escritores angolanos, moçambicanos, cabo-verdianos, guineenses, são-tomenses e escritores progressistas de outras nacionalidades, desde que se situassem na “perspectiva humanizante e científica que postulava o fim, da exploração do homem pelo homem” (*Id.*, *ibid.*).

A criação da União dos Escritores Angolanos (UEA): a consolidação

A independência política chegou à meia-noite do dia 11 de novembro de 1975 e com ela mudou-se o panorama da cultura angolana. Como já é sabido, o movimento de libertação nacional angolano, concebido a partir de movimentos culturais, contava com a presença de escritores entre os principais fundadores e líderes. Escritores que deram sua contribuição das mais variadas formas possíveis: no front da batalha comandando tropas, produzindo na prisão obras literárias de mensagem anti-colonial que pudessem conscientizar e encorajar os angolanos, ou no exílio, chamando a atenção do mundo para o drama angolano. Desse modo, é natural que uma das primeiras medidas tomadas pelo governo do MPLA ao assumir o poder, constituindo como presidente da república o poeta Agostinho Neto, fosse a criação de um órgão editorial que pudesse viabilizar a publicação de inúmeras obras escritas durante o período colonial. Assim nasceu a União dos Escritores Angolanos (UEA) em 10 de dezembro de 1975, um mês após a independência angolana. Na opinião de Hamilton (Ibid., p.167-8), a proclamação da UEA, num clima civil-militar ainda instável, “é testemunho vivo do papel que o escritor e a literatura desempenhavam na nova sociedade em formação”.

Russell Hamilton (Ibid., p.168-9) observa que os dirigentes do MPLA, a começar pelo próprio poeta-presidente, cientes do papel significativo que a literatura pode desempenhar na árdua tarefa da unificação nacional, apressaram-se a concretizar bases para a produção literária em Angola. Desse modo, a UEA, de 1976 a 1979, editou cinquenta e dois livros, onze livros de bolso, e vinte quatro cadernos, totalizando 798.040 exemplares.

É importante salientar novamente que grande parte das obras publicadas pela UEA nesse período foram escritas no início dos anos 70 ou nas décadas anteriores durante a guerrilha, o exílio ou a prisão, como foram os casos de *Sagrada esperança*, de Agostinho Neto, *As aventuras de Ngunga*, de Pepetela, e as obras de José Luandino Vieira. Essa avalanche de publicações promovidas pela UEA, trazendo à luz obras inéditas ou não de grandes escritores angolanos e também figuras importantes do movimento de libertação

nacional, teve um papel essencial na consolidação da literatura angolana. Conforme a afirmação de Pires Laranjeira (1995b, p.165), “a divulgação dos inéditos de José Luandino Vieira, Pepetela, Uanhenga Xitu e outros contribuiu decisivamente para a confirmação de Angola como a maior força literária dos cinco países emergentes”.

Conclusão

A partir desse primeiro momento da UEA, dessa febre editorial que resgatou inúmeras obras literárias caladas pelo regime colonial, a literatura angolana em liberdade seguiria outros rumos, tornando-se mais heterogênea e abrigando em seu bojo diferentes tendências estéticas. Muitos outros escritores surgiram no período pós-independência e foram se juntar aos já citados anteriormente no cânone literário angolano. Dentre eles, podemos citar, com a ajuda de Pires Laranjeira (Ibid.) e Russell Hamilton (Op. cit.), os nomes de José Eduardo Agualusa, João Melo, Jorge Macedo, Garcia Bires, Adriano Botelho de Vasconcelos, João Maimona, J. A. S. Lopito Feijó K., E. Bonavena, José Luís Mendonça, Paula Tavares, Luís Kanjimbo, Carlos Ferreira, António Fonseca, Lisa Cristel, Victor Jorge, Luís Elias Queta, Rui Augusto, Ana de Santana, Frágata de Moraes, Roderick Neohne, Conceição Cristóvão, Cristóvão Neto, Fernando Couto, Carlos Ferreira, António Jorge Monteiro dos Santos, Fernando Monteiro, Samuel de Sousa, Rui Bueti, Otaviano Correia, Rosário Marcelino, Maria do Carmo e Manuel Pedro Pacavira.

Desse modo, com a independência política de Angola e a criação da UEA em 1975 completa-se o período de ruptura da literatura angolana, iniciado com o Movimento Vamos Descobrir Angola em 1948. Após esse período de luta e maturação, a literatura angolana pode se considerar consolidada e adulta, apesar de muito jovem.

REFERENCIAS

1. ANDRADE, C. Literatura angolana (opiniões). Lisboa: Edições 70, 1980.

2. ANDRADE, M. P. de. **Antologia temática de poesia africana: na noite grávida de punhais**. Lisboa: Sá da Costa, 1975.
3. BONNICI, T. **O pós-colonialismo e a literatura: estratégias de leitura**. Maringá: Eduem, 2000.
4. CHAVES, R. **A formação do romance angolano**. Coleção Via Atlântica. São Paulo: Edusp. 1999.
5. ERVEDOSA, C. **Roteiro da literatura angolana**. 2 ed. Lisboa: Edições 70, 1979.
6. FANON, F. **Los condenados de la tierra**. Ciudad del México: Fondo de la Cultura Económica, 1963.
7. FERREIRA, M. **Literaturas africanas de expressão portuguesa**. São Paulo, 1987a.
8. _____. **Mensagem-revista angolana de literatura** (edição comemorativa). Luanda: INALD, n.1, jan. 1987b.
9. HAMILTON, R. G. **Literatura africana-literatura necessária -IAngola**. Lisboa: Edições 70, 1981.
10. LARANJEIRA, P. **A negritude africana de língua portuguesa**. Porto: Afrontamento, 1995a.
11. LARANJEIRA, P. **Literaturas africanas de expressão portuguesa**. Coimbra: Universidade Aberta, 1995b.
12. _____. **Literatura calibanesca**. Porto: Afrontamento, 1985.
13. MEMMI, A. **Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador**. 3 ed. Trad. Roland Corbisier e Mariza Pinto Coelho. São Paulo: Paz e Terra, 1989.
14. MESTRE, D.; FERNANDES, A. **Agostinho Neto: poeta da mulher e mãe**. In.: Lavra & Oficina-Gazeta da UEA, Luanda, n. 46 a 51, p.9-10, 1982.
15. ROCHA, J. **Geração de 50: um percurso literário e a sua importância na luta de libertação nacional**. Scripta, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, 1 sem. 1997, p.221.
16. TRIGO, S. **Introdução à literatura angolana de expressão portuguesa**. Porto Brasília Editora, 1977.
17. _____. **Ensaios de literatura comparada afro-luso-brasileira**, Lisboa: Veja, 198-.